

**CULTURA E AFRODESCENDÊNCIA: ORGANIZAÇÕES NEGRAS E SUAS
ESTRATÉGIAS
EDUCACIONAIS EM PORTO ALEGRE (1872-2002)**

Lúcia Regina Brito Pereira¹

Resumo

Esta pesquisa investigou e interpretou a construção de estratégias educacionais por afrodescendentes implementadas por várias organizações negras em Porto Alegre, RS, a partir dos finais do século XIX, ao longo da Primeira República, Estado Novo e respectivas redemocratizações, até o ano de 2002. A saber, foram investigadas as organizações: Irmandade do Rosário, Sociedade Recreativa Beneficente Floresta Aurora, Sociedade Satélite Prontidão, o Clube Náutico Marcílio Dias e MARIA MULHER – Organização de Mulheres Negras. Ao longo desse período, as organizações negras tiveram diferentes configurações, de acordo com seus contextos, suas formas de composição e suas reivindicações que surgem a partir das condições, ou falta delas, advindas da sociedade mais abrangente. Essas organizações □ de cunho religioso, de ajuda mútua, cultural ou, na perspectiva atual, de organizações não-governamentais □ encerraram em si uma característica comum que se traduz na preservação da identidade e nas reivindicações para o estabelecimento de condições dignas de sobrevivência aos afrodescendentes. Devido à ausência de documentação da trajetória histórico-educacional da população negra, nos meios oficiais de divulgação, estatísticas, historiografia tradicional, esta investigação se valeu de registros em publicações específicas e de relatos de pessoas de

¹ Lúcia Regina Brito Pereira. Rua Paraná, 406, Monte Alegre – Viamão/RS – CEP: 94480-160 - fone: 5130451926 – ymoleayaba@pop.com.br. Doutora: PPGH/PUCRS, ex-bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós Graduação da Fundação Ford. Coordenadora Técnica de Maria Mulher – Organização de Mulheres Negras; Secretária do GT Negros: História, Cultura e Sociedade; Integrante do Grupo de Pesquisa Africanidades, Identidades e Cotidiano/PPGH/PUCRS.

referência, os quais permitem recuperar um perfil da atuação dessas organizações e fixar a memória daquilo que diz respeito a suas construções e reivindicações históricas e educacionais.

Palavras-chave: Organizações Negras; história; educação de negros; identidade; ações afirmativas.

Introdução

Neste texto² são apresentadas em seus aspectos educacionais: a Irmandade do Rosário, a Sociedade Recreativa Beneficente Floresta Aurora, a Sociedade Satélite Prontidão, o Clube Náutico Marcílio Dias e MARIA MULHER – Organização de Mulheres Negras. O objetivo da análise das estratégias educacionais destas organizações negras, se insere na releitura histórico-cultural das formas de organização desta parcela da população e visa contribuir para desfazer estigmas e estereótipos destacando este grupo como protagonista de seu devir histórico.

É corrente, ainda nos dias atuais, a descrição da história da população negra do ponto de vista da sociedade hegemônica onde foram privilegiados os processos de escravização, da violência do sistema, da resistência dos escravizados, do trabalho, das construções ideológicas, do processo legislativo, etc. São recentes as produções e pesquisas³, nas diferentes áreas do conhecimento acadêmico, que objetivam rever o papel histórico-social-cultural da população negra brasileira, visto a partir de suas próprias ações e construções. Importante destacarmos que educação aqui tem um sentido amplo que abrange as diferentes esferas da vida, portanto, vai além

² O presente texto é parte da pesquisa de tese de doutorado intitulada *Cultura e Afrodescendência: Organizações Negras e suas Estratégias Educacionais em Porto Alegre (1872-2002)* PPGH/PUCRS.

³ Ver: CUNHA JR (2001), FONSECA (2002); ROMÃO (2005); SECAD (2005); DÁVILA (2006); PEREIRA (2007).

daquela educação oficial escolarizada. Do mesmo modo vem ao encontro da Lei 10.639⁴, que é uma das grandes reivindicações do Movimento Social Negro brasileiro, quando trata da introdução das africanidades brasileiras no currículo escolar.

Na construção da pesquisa, Jeruse Romão (2005), nos direcionou a buscar as trilhas educacionais da população negra, pois segundo ela, este é um caminho em que muito ainda há que se percorrer na retomada de sentidos e construções históricas que estão a espera de serem desvendados.

Entendemos que as formas de organização dão uma dimensão dos possíveis agrupamentos onde o caráter, - de lazer ou bailante -, o aspecto lúdico, como afirma Henrique Cunha Jr., após realizar estudos no Haiti, lhe foi possível constatar que o estudo da cultura negra naquele país era realizado “*sem culpa*” e com a seguinte perspectiva,

...a reflexão pode ser dançada e cantada na voz de minha vó. As avós e avôs africanos existem no cotidiano do pensamento e são reconhecidos no cotidiano da vida. Lembramos que no pensamento africano mesmo o racionalismo matemático é representado nas formas simbólicas da dança e da arte... (CUNHA JR, 2001, p. 8).

Igualmente:

Os conceitos de afrodescendência e das africanidades brasileiras estão sendo elaborados para colocar-nos na história e na cultura brasileira, para exercermos na amplitude a pluralidade étnica necessária para aprendermos histórica e culturalmente o Brasil... (CUNHA JR, 2001, p.10).

A Irmandade do Rosário

A Irmandade do Rosário foi importante por ser uma das formas institucionalizadas de organização, criada pela população negra, permitida pela sociedade abrangente, o que possibilitou a criação de estratégias de construção de sistemas de proteção ao grupo.

... Ao longo da sua existência, a Irmandade promoveu, através de sorteios, a libertação de pretos cativos, cursos de alfabetização para os filhos dos Irmãos, diárias para Irmão doente, pensão para Irmão inválido e assistência social e educacional para filhos dos Irmãos, até a idade de 14 anos. (CASTRO, 1994, p.75).

⁴Essa lei foi alterada em 10 de março de 2008, pela Lei 11.645, que torna obrigatório a inclusão da temática indígena nos currículos.

Segundo Dom José Barea a Irmandade do Rosário de Porto Alegre deu entrada para o pedido de oficialização do compromisso⁵ em 12 de março de 1786. Entretanto, “*A aprovação do Compromisso pela autoridade civil só foi obtida em 1828, e a autoridade eclesiástica em 1830*”. (BAREA, 2004, p. 27). Poderíamos nos perguntar por qual motivo ou motivos esta oficialização demorou tanto tempo, - quarenta e dois anos no caso da autoridade civil e quarenta e quatro anos pela autoridade eclesiástica. No período de sua existência a Irmandade do Rosário de Porto Alegre tinha uma organização integradora, pois dela participavam pessoas negras, brancas, escravizados e mulheres como afirma o padre Barea:

Nesta Irmandade, nunca houve distinção de cores ou raças, exigindo apenas o Compromisso que, para o cargo de Tesoureiro, fosse eleito um irmão branco, e para os de Rei e da Rainha um irmão e uma irmã de cor preta. A única condição para ser admitido na Irmandade era ser católico romano e isento da menor suspeita de heresia, ou segundo o Compromisso de 1883, ter boa conduta moral e religiosa, abonada por três Irmãos de Mesa. (2004, p. 33).

Outro aspecto a ser destacado como uma estratégia de identidade de grupo refere-se aos atos religiosos que eram realizados com grande pompa e rigor, como nos mostra de maneira parcimoniosa e comedida o padre Barea,

Parece também que as festas eram acrescidas de algum ato extralitúrgico, reproduzindo uma ou outra cerimônia, talvez mesmo supersticiosa de festas africanas, coisa que o Vigário ... não via com bons olhos (BAREA, 2004, p. 38).

Aqui se explicita o que Edmilson de Almeida Pereira, caracteriza de preservação da identidade e de costumes reelaborados de outro lugar, na festa sagrada,

“... a realização da festa institui um momento forte de socialização e de exercício das relações ensino-aprendizagem...”, onde “Os grupos devotos se encontram na festa, vivenciando-a como herança recebida dos ancestrais e como tradição veiculadora de uma certa ordem social...” (PEREIRA: 2007, p. 85).

⁵Compromisso, equivale ao que hoje chamaríamos de Estatutos.

Além da festa, onde observamos a permanência das africanidades, convém mostrar o relato sobre a fundação da escola que nasceu sob a égide da Irmandade do Rosário, indicando que a instrução ou educação faziam parte das obrigações da mesma.

O Pe. Hipólito fundou um colégio paroquial que funcionava na parte superior da sacristia e era dirigido por professores leigos. Num ofício por ele dirigido, em 4-11-1903, à Mesa do rosário, participava haver inaugurado a escola paroquial nesta matriz, destinada especialmente ao amparo e educação gratuita de pobres e infelizes meninos expostos ao ócio, ao vício e, às vezes, até ao crime. A fim de poder dar maior desenvolvimento a esta instituição, para o bem dos que sofriam as privações da pobreza e orfandade, pedia à irmandade um auxílio mensal, destinado também, se possível, à formação de um pequeno patrimônio para o sustento e continuação da obra... (BAREA, 2004, p. 324).

Esta ação foi precursora de uma das escolas mais tradicionais da cidade de Porto Alegre, O Colégio do Rosário fundado em 1904 pelos irmãos maristas como mostra a seguinte passagem,

É assim que teve início o atual Ginásio do Rosário. Os Irmãos transferiram o colégio para um prédio mais amplo e em seguida para o antigo Seminário, donde, em 1926, se trasladaram para a propriedade que adquiriram à rua da Independência, próximo à Igreja da Conceição (BAREA, 2004, p. 324).

Este relato indica ações educacionais de longa data protagonizadas pela população negra e que ultrapassam a mera questão da ajuda mútua.

Quanto às atividades e participação dos irmãos a caracterização de Barea é significativa, na indicação destas duas dimensões, como decadentes:

Foram suprimidos primeiro os novenários e depois também os tríduos preparatórios, ficando a festa reduzida à missa solene, com sermão e procissão, que procissão! Um aglomerado de pretos e pretas acompanhando ou antes perseguindo o andor, sem nenhuma ordem e recolhimento. Excetuados talvez um ou dois, não havia entre os mesários nenhum católico praticante. Alguns deles eram dados à prática do espiritismo e do batuque (BAREA, 2004, p. 366).

A presença da prática do espiritismo e do batuque nos mostra que a participação de negros na Irmandade cumpria, como destaca Homi Bhabha (2003), o papel híbrido, característico das sociedades onde prevalecem às relações de sobreposição e subjugação sociais de um grupo sobre os demais. As estratégias dos grupos e populações submetidas são utilizadas para extrapolar as

condições impostas, são os entre-lugares, as dimensões que movem a história, o que poderíamos chamar de movimento de preservação da identidade do grupo. Desta forma a Irmandade proporcionou a este segmento da população gaúcha, os descendentes dos africanos, a guardar a sua tradição religiosa através dos preceitos impostos pela religião do segmento dominante.

Floresta Aurora

A Sociedade Beneficente Recreativa Floresta Aurora devido à sua longevidade, guarda em sua história muitos aspectos da vida e forma de organização da população negra gaúcha⁶.

A Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora foi fundada por negros forros em Porto Alegre, em 31 de dezembro de 1872. Suas primeiras atuações foram realizadas nas esquinas das ruas Aurora (atual Dr. Barros Cassal) e Floresta (atual Cristóvão Colombo). Seus primeiros associados eram negros libertos que deram um caráter beneficente à sociedade, porque objetivavam arrecadar fundos para o auxílio e assistência às famílias negras nos casos de óbito. Localizava-se em uma região vizinha, denominada Colônia Africana, também considerada, à época, arrabalde da cidade de Porto Alegre.

Sobre a fundação da Sociedade Floresta Aurora, Eliane Pereira Duarte faz a seguinte observação: “... a sociedade Floresta Aurora foi fundada no ano 1872, por negros cativos de senzala ...Contam que tudo começou com uma negra forra que vivia no arraial da Floresta ... que chamava-se Mariquinha” (DUARTE, 1986, p. 6-7).

A partir de 1883, por conta do sucesso da sociedade musical que se apresentava em vários locais da cidade, incluindo o teatro São Pedro⁷, ocorreu a união com a sociedade de dança. “...

⁶ No período Republicano, outras organizações surgiram com o objetivo de proteção, alfabetização e preparação para o trabalho, como o Santo Antônio do Pão dos Pobres, o Asilo São Benedito, o Amigo Germano, existentes até os dias atuais. Tais organizações tinham como papel fundamental a proteção e a formação profissional de seus internos. De acordo com as características deste período elas foram criadas sob a ideologia de regramento e direcionamento de crianças e jovens órfãos ou filhos de pais muito pobres que estavam à mercê da própria sorte. Assim, elas tinham um papel importante naquilo que diz respeito à educação voltada para o trabalho, pois a conjuntura exigia ações que se coadunassem com as perspectivas do mundo do trabalho livre.

⁷ O mais antigo teatro da cidade, inaugurado em 27/6/1858, FRANCO, 1992, p. 382.

juntando a sociedade musical com a sociedade de carnaval nas mesmas atividades formar-se-á a Sociedade Carnavalesca Floresta Aurora, que começa a aparecer a partir de 1883 como bloco” (DUARTE,1986, p.13-14). A importância da banda pode ser constatada através das apresentações em eventos de repercussão na cidade como a fundação do *Jornal Correio do Povo*. Além das apresentações musicais, os grupos de teatro foram uma constante na sociedade, não só na encenação como também na autoria de peças teatrais⁸. As mulheres participavam inclusive da diretoria, e desde que estivessem em dia com as obrigações financeiras qualquer sócio poderia fazer parte da diretoria.

Quanto a sua localização no decorrer de sua existência, a Sociedade Floresta Aurora passou por diversos endereços na cidade. Na sede própria localizada à Rua Concórdia (atual José do Patrocínio), mais tarde instalou-se na atual Rua Lima e Silva, passando pela Rua Curupaiti no bairro Cristal. Desde 1998, a Sociedade se localiza na Rua Coronel Marcos, zona Sul da cidade.

Tendo como primeira denominação Sociedade de Dança e Beneficência Floresta Aurora⁹, em 25 de setembro de 1961 o nome mudou para Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora e, dado ao seu caráter beneficente, foi declarada de utilidade pública pelo Estado através do Decreto Lei nº 1.130/46, em 24 de julho de 1984¹⁰.

A atuação pedagógica e política esteve presente ao longo de sua existência. Seus integrantes foram os articuladores do *Congresso Afro-Brasileiro*, em 1958, na capital gaúcha. Evento que mobilizou personalidades políticas intelectuais do estado e de várias partes do país. Nos anos setenta de século XX nas suas dependências reuniu-se o Grupo Zumbi dos Palmares, grupo que, entre outras discussões, pensou e idealizou o dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, como o Dia Nacional da Consciência Negra. Nos anos oitenta deste mesmo século

⁸Para maiores detalhes ver: Pereira, L.R.B. op. cit., 2008.

⁹ Conforme o jornal *A Federação* 13/02/1918.

¹⁰ Informativo da Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora, s/d.

registram-se reuniões e seminários para pesquisadores e professores gaúchos e de outras regiões do país, onde eram discutidas questões relativas à inclusão da cultura afro nos currículos escolares.

Atualmente, a Sociedade Beneficente Floresta Aurora mantém um quadro social de, aproximadamente, dois mil sócios em todo o Estado. A diretoria é composta por um presidente, conselho fiscal e deliberativo, funções exercidas graciosamente pelo período de dois anos¹¹. A estrutura de organização e gestão comporta os departamentos: beneficente, cultural, de esporte, social, feminino e departamento jovem. O departamento beneficente objetiva, “*a promoção humana e a construção da cidadania, através de ações que envolvam sociedades carentes, que não estejam recebendo auxílio do poder público, que tratem de crianças, adolescentes, idosos e mulheres...*” (ARI/FA: 2002, p.10).

O departamento cultural volta suas atividades para a preservação da cultura negra, desenvolve oficinas culturais de dança, teatro, música e literatura. A sociedade está desenvolvendo projeto de formação de biblioteca, com seção especializada em cultura negra. Também têm como finalidade resgatar a memória da Floresta Aurora através do trabalho de pesquisa, entrevistas, depoimentos, fotos e material para pesquisa (ARI/FA, 2002, p.10).

O departamento social “*oportuniza a divulgação de talentos internos ...[para] integrar o corpo de associados e outros participantes em promoção de eventos especiais*”; o departamento feminino reúne “*mulheres sócias e não-sócias em torno de discussão e reflexão sobre gênero, raça e etnia*” (ARI/FA, 2002, p.10). Em síntese, essas são as diretrizes atuais que regem o funcionamento da Sociedade Floresta Aurora.

¹¹ **O Povo Negro no Sul.** Associação Rio-Grandense de Imprensa/Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora. Porto Alegre: 2002.

Sociedade Satélite Prontidão

A Sociedade Cultural Beneficente Satélite Prontidão provém da fusão das sociedades Satélite Porto-Alegrense, fundada em 1902, e a sociedade Cultural Carnavalesca Prontidão, fundada em 1925. No ano de 1956, tornou-se a atual Sociedade Cultural Beneficente Satélite Prontidão.

Desde o início da fusão das duas sociedades, as suas metas e os objetivos envolviam questões educacionais, segundo o senhor Nilo Alberto Feijó¹², a organização manteve nos seus estatutos a exigência de manutenção de uma biblioteca, da formação de pecúlio e aulas de alfabetização ministrada pelas senhoras integrantes da sociedade.

Quanto à localização a Sociedade Satélite Prontidão, depois da venda de um terreno na rua Lima e Silva, foi adquirido um terreno na avenida Aparício Borges, onde atualmente está localizada a sua sede. Inferimos que a atual localização tenha uma ligação com a antiga formação militar, visto que nesta avenida, hoje, encontramos diversos agrupamentos militares.

Observamos que a Sociedade Satélite Prontidão, tem em suas ações algo mais do que simplesmente proporcionar lazer e recreação, ela cumpre também o papel conscientizador e educacional isto encontramos através de duas ações específicas.

A partir dos anos de 1980, a Sociedade passou por uma mudança na sua atuação ao acolher um grupo inclinado a discutir questões de conscientização no campo da política de intervenção. Assim foram criados o Troféu Zumbi e o “*Curso Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares*”. Em 1988, a Associação Satélite Prontidão junto com a Sociedade Floresta Aurora, foi convidada a participar da Primeira Festa das Nações¹³.

¹² O Senhor Nilo Alberto Feijó é atual presidente da Satélite Prontidão e a época da pesquisa foi um dos meus entrevistados (2006).

¹³ O doutor Elói dos Angelos foi Coordenador geral, em 1984, da Comissão Executiva Afro-Brasileira – CEA Afro, da Festa das Nações de Porto Alegre, onde desenvolveu uma exposição de livros relacionados à temática negra.

O Troféu Zumbi dos Palmares foi criado com o objetivo de homenagear pessoas negras ou aquelas que tivessem desenvolvido ações direcionadas para a promoção social e econômica da comunidade negra.

A outra ação ocorreu na década de noventa do século XX, foi o “*Curso Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares*”, que proporcionou a um número significativo de estudantes, através do acompanhamento de educadores voluntários, o preparo necessário para o ingresso nas universidades gaúchas.

“O Curso Vestibular Zumbi dos Palmares começou em 1996,... a origem dele é do Rio de Janeiro, do Frei Davi, padre carioca, que organizou este curso lá no Rio de Janeiro e nós passamos a ser aqui, uma espécie de sucursal, um braço do Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares do Rio de Janeiro, e a gente manteve aqui por algum tempo” (FEIJÓ, 2006).

O Curso Pré-Vestibular ficou vinculado ao Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares do Rio de Janeiro até o ano de 2005. Os professores eram voluntários, o material didático utilizado no curso era doado, e em vista da grande procura de estudantes era realizada uma seleção¹⁴, em que a raça, a situação socioeconômica e a procedência de escola pública eram requisitos básicos. Em relação ao número de estudantes que passaram pelo Curso, o senhor Nilo Alberto Feijó, sem um número específico, calcula uma média, com base no número de alunos por turma, que era de 40, e, pelo tempo de duração do Curso, quase dez anos, em torno de quatrocentos estudantes.

Os eventos que relatamos são uma ilustração de ações e estratégias realizadas por organizações negras que fizeram e fazem a história dessa cidade. A sua importância é fundamental no que se relaciona à própria história da comunidade negra gaúcha e no processo de reconstituí-la como uma das variáveis para valorização e contribuição para a elevação da auto-estima da população negra. Passamos a descrever a origem do Clube Náutico Marcílio Dias.

¹⁴ Por volta do ano de 1996, 1997, faziam parte da seleção dos estudantes, Fernando Moreira e Sandra Noronha, ele participante do Grupo Razão Negra e ambos fundadores do Instituto Brasil África – IBÁ.

O clube náutico **Marcílio Dias**¹⁵

Em dois de julho de 1949, o jornal *Folha da Tarde* publicou um convite que era assinado pelo senhor João Nunes Oliveira, convocando “*todos os homens de cor residentes em Porto Alegre*” para estudarem a possibilidade de abertura do “*Clube Náutico José do Patrocínio*”. Semelhante convocação era matéria no dia seguinte no *Diário de Notícias*:

É pensamento do organizador do movimento fundador erguer em breve o Clube Náutico José do Patrocínio, esperando poder contar para isso com o apoio de todos os homens moços de cor que tenham interesse em praticar os salutareos desportos náuticos. (03/0749, s/p).

A iniciativa deu certo. Várias pessoas se mobilizaram para a efetivação de um clube que atendesse às necessidades de uma parcela da comunidade negra porto-alegrense que buscava um local para desenvolverem suas atividades sociais. Dias após a convocação feita pelo jornal *Folha da Tarde* foi concretizada a idéia de fundação do novo clube. O Clube Náutico Marcílio Dias¹⁶ foi fundado em 4 de julho de 1949 (Estatutos Porto Alegre: S/E, 1949), na cidade de Porto Alegre. O evento foi assim registrado no jornal *Folha da Tarde*:

... foi fundada nesta capital uma nova entidade náutica, que deverá ser integrada por elementos de cor, que tomou o nome de 'Marcílio Dias', como uma justa homenagem ao bravo marinheiro brasileiro. Após a reunião preliminar da fundação, foi eleita uma comissão organizadora, que deveria nortear as primeiras providências para que a referida iniciativa se tornasse uma realização, 'após a eleição da nova Diretoria', foram tratados da confecção dos Estatutos ... (11/07/49, s/p., grifos no original).

A nova agremiação localizou-se à beira do rio Guaíba, na Avenida Praia de Belas, “*em um belo terreno,... emprestado de início. Mais tarde seria doado*” (COSTA, 2006, p. 6)¹⁷. A aprovação dos estatutos, com 56 artigos, ocorreu em sessão de Assembléia Geral Extraordinária

¹⁵ A documentação utilizada aqui sobre esta organização faz parte do acervo do senhor José Domingos Alves da Silveira, ex-diretor de patrimônio do Clube.

¹⁶ Não encontramos nos registros justificativa para a mudança do nome do clube para: “*Marcílio Dias, Imperial Marinheiro de primeira classe, Artilheiro, nasceu no Rio Grande do Sul em 1836, Ingressou na Marinha como Grumete aos 17 anos de idade, tendo sentado praça no Corpo de Imperiais Marinheiros em 1855. Destacou-se no assalto à Praça Forte do Payssandú e foi condecorado por isso. Sagrou-se herói na Batalha Naval do Riachuelo em 11 de junho de 1865...*”, (COSTA, 2006, p. 5)

¹⁷ O doutor José Luis, ex-secretário do Clube, foi um dos entrevistados da pesquisa.

realizada em 16 de setembro do mesmo ano. No artigo primeiro, estava expresso que o Clube seria constituído de “*cidadãos pertencentes a todos os ramos de atividade honesta, sem distinção de raça, cor ou religião*”.

O artigo segundo estabelecia como finalidades do Clube, “*a prática do remo, natação e outros esportes aquáticos e terrestres que forem instituídos*”. O artigo terceiro estipulava que, “*Além da prática de exercícios esportivos, poderá o Clube Náutico Marcílio Dias promover reuniões de ordem cultural, íntimas e festivas*”.

Em ofício expedido pela secretaria¹⁸, em novembro de 1952, os sócios e suas excelentíssimas famílias eram convidados, para a entrega oficial dos melhoramentos introduzidos na sede oficial. Parte do programa esportivo incluía o torneio de voleibol para praticantes veteranos versus estreantes femininas; jogos de salão, torneio de ping-pong e xadrez; e quermesse, proporcionada pelo Departamento Feminino.

A Diretoria, com o intuito de oferecer sempre o melhor aos associados, convidava-os a partilhar de mais uma grande aquisição do Clube cedida pelo governo do Estado: uma sede na Ilha Grande dos Marinheiros próximo à cidade de Porto Alegre, que permitiria além da prática de esportes a realização de piqueniques, muito realizados àquela época.

Um ofício-circular de junho de 1953, convocou os associados para as festividades entre 11 de junho e 04 de julho, em comemoração ao aniversário do Clube. A convocação incluía a estratégia pedagógica e conscientizadora de palestras sobre a importância do Clube na capital, “*aspectos sociais do Marcílio Dias em nossa Capital*”, palestra sobre a vida do Clube, desde a sua fundação e a importância dos jogos de salão numa entidade. Palestra sobre Atletismo e suas vantagens e esportes náuticos.

¹⁸ Ofício-Circular, nº 8 de 1952, da Diretoria aos Associados. P. Diretoria do C. N. Marcílio Dias, José Fonseca, 2º Secretário em Exº.

Em pouco tempo, o Clube Náutico Marcílio Dias ganhou a credibilidade dos gaúchos, através das campanhas vitoriosas em diferentes esportes, como o de *“bola ao cesto”*, alcançando o vice-campeonato da segunda divisão, já no ano de 1953, com grande repercussão na imprensa da capital. A característica marcante do Clube era dar abrigo aos atletas negros que eram barrados em clubes tradicionais da cidade. Igualmente, a população negra, com certo poder aquisitivo, tinha no Clube Marcílio Dias um lugar social próprio de recreação e divertimento.

Nessa época, apareceram, na imprensa, vários artigos criticando a Federação Gaúcha de Basquete, pois o Clube Marcílio Dias havia pedido sua inclusão nessa Federação e, segundo os críticos, houve exigências descabidas para a acolhida do *“Clube Colored”*.

Em reportagem de Alberto Mattis no jornal *“Folha da Tarde Esportiva”*, encontramos a matéria intitulada *“Fibra e Disciplina deram ao Marcílio o título de vice-campeão”*. O repórter destaca a bela atuação do Clube dizendo que *“O Marcílio Dias marcha aceleradamente para uma posição de destaque no esporte gaúcho...”*¹⁹. Além do destaque ao vice-campeonato conquistado a matéria inclui fotos com outras atividades do Clube: o time feminino de basquete e suas dependências. O cronista descreve os esportes praticados no Clube e o número de sócios que naquele ano eram 461, *“que em sua totalidade são contribuintes”*.

Essas são informações do Clube Náutico Marcílio Dias, de breve, mas intensa existência na capital gaúcha, resistindo até a década de 1980, quando definitivamente encerrou suas atividades. O clube apostou em uma sociedade que agregasse aquelas e aqueles que almejavam algo além do simples lazer, oferecia um espaço, que tinha o esporte como pólo agregador, mas, acima de tudo, transmitisse formação moral e intelectual.

¹⁹ *Folha da Tarde Esportiva*. Porto Alegre: Terça-feira 18 de agosto de 1953.

Maria mulher – organização de mulheres negras

Maria Mulher nasceu como um pequeno grupo de mulheres negras em 8 de março de 1987. Dentre os objetivos do grupo estava discutir os problemas relacionados à mulher negra. Problemas específicos que o movimento social negro não respondia, assim como, o movimento feminista igualmente não atendia. As reuniões eram realizadas à Rua Múcio Teixeira, 221, garagem 01, no bairro Menino Deus. Os temas em pauta eram questões relativas ao trabalho, educação, saúde, habitação, violência, machismo, sexismo e o relacionamento com as outras entidades do movimento social.

No Estado do Rio Grande do Sul é a primeira organização de mulheres negras a ser criada. Atualmente é reconhecida em nível nacional e, igualmente, é uma das primeiras organizações de mulheres negras no Brasil²⁰. Em sua primeira publicação *Mar♀a Mulher – Boletim*, o editorial mostrava os objetivos do grupo e fazia uma convocação:

A organização Maria Mulher mantendo características que são peculiares às entidades negras estava aberta a colaborações, 'estamos lançando o primeiro Boletim, que é um veículo aberto aos demais grupos e entidades do movimento negro, que partilham de nossas idéias, somando-se aos demais movimentos sociais que buscam garantir de forma organizada seus direitos'. (Mar♀a Mulher – Boletim, Ano 1 POA, Novembro 87 n° 1).

Em outro artigo do mesmo Boletim, intitulado *Sexualidade*²¹, a conclusão faz uma chamada a uma questão que o movimento feminista, de então, não conseguia captar. Vale ressaltar que o “*feminismo*” desde o seu surgimento passou por diferentes vertentes, a saber: radical, liberal e socialista, Luiza Bairos destaca a importância da convergência conceitual, pois os “*feminismos*”, até então descaracterizavam as “*categorizações de raça, de classes sociais e de orientação sexual, favorecendo assim discursos e práticas voltados para as percepções e*

²⁰ Dentre as organizações de mulheres negras surgidas a partir da década de 1980, no Brasil temos: N’Zinga, de Belo Horizonte, criada em 1986 e formalizada em 1994; Geledés,- Instituto da Mulher Negra de São Paulo, criada em 1988; Criola, do Rio de Janeiro, criada em 1992. Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos/SP, criada em 1987.

²¹“... ‘Gênero’ se tornou uma espécie de taquigrafia acadêmica que representa relações socialmente definidas entre mulheres e homens, mas seu significado e implicações do ponto de vista político nem sempre são claros” (STOLCKE: 1995, p. 103).

necessidades de mulheres brancas, heterossexuais, de classe média” (BAIRROS, 1995, p. 459). Assim, a bandeira de luta das integrantes de Maria Mulher caracterizou-se, desde sua fundação, com a constituição social de gênero²², para ir além de uma concepção unificadora que desconsiderasse as especificidades.

As reivindicações expostas acima se enquadram no “*descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico*” exposto por Hall. Isto é, o feminismo, “*abriu,... para a contestação política, arenas... novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc.*” (HALL, 2003, p.45). Percebemos, desta forma, que as reivindicações, as ações das mulheres negras, no Brasil, e aqui em específico, Maria Mulher, estão inseridas no processo onde “*o pessoal é político*”²³, bandeira de luta então levantada pelos movimentos surgidos a partir da década de 1968, na Europa. E que foi responsável pela subjetivação dos grupos onde foram enfatizadas as questões de gênero, raça e sexo (BAIRROS, 2003, p. 460).

O grupo Maria Mulher assim se constituiu até 1998, quando então, transforma-se na atual organização não-governamental²⁴ com atribuições ampliadas e focalizadas. Passa assim, a caracterizar-se como uma organização feminista, Maria Mulher – Organização de Mulheres Negras com sede na Travessa Francisco Leonardo Truda, no centro da cidade de Porto Alegre. Na atual configuração tem por “*missão institucional a defesa dos direitos humanos das*

²² Conforme, STOLCKE: “O termo ‘gênero’ como categoria de análise foi introduzido nos estudos feministas na década de oitenta. Antes, nos anos setenta, a pesquisa feminista havia demonstrado que aquilo que então se chamava papéis sexuais variava amplamente em termos transculturais ...” (1995, p. 103).

²³ Ver: HALL, 2003; BAIRROS, 1995; STOLCKE, 1991.

²⁴ Para maiores informações sobre o histórico de organizações não-governamentais ver Associação Nacional de Organizações Não-Governamentais/ABONG, (ABONG, Carta de Princípios: São Paulo, 29 de março de 2000).

populações marginalizadas e excluídas e o combate à discriminação sexual e étnico-racial".²⁵

Faz parte, igualmente, da organização a sede na Vila Cruzeiro do Sul:

A Organização desenvolve seu trabalho na região da Grande Cruzeiro do Sul formada por 24 vilas populares, totalizando 59.231 pessoas, o que representa 4.7% do total da população de Porto Alegre. A Grande Cruzeiro do Sul caracteriza-se por ser uma área que concentra os maiores índices de exclusão social do Município, e onde a população é predominantemente composta por afro-brasileiros, possui baixa escolaridade e baixo poder econômico (EXPERIÊNCIAS EM ADVOCACY EM SAÚDE E DIREITOS REPRODUTIVOS: 2002, p. 103).

Nesta etapa atual as diretrizes compõem-se em cinco linhas básicas de ação: o SOS Racismo com atendimento jurídico e psicossocial a vítimas de discriminação étnico-racial; meninas e adolescentes: atendimento a meninas e adolescentes em situação de vulnerabilidade social; mulheres: atendimento psicossocial a vítimas de violência doméstica; intervenção política: capacitação de educadores/as e professores/as em direitos humanos, articulação com organizações feministas, de mulheres e com o movimento social negro; documentação e informação: cartilha virtual de informação sobre formas de combate à violência doméstica e ao abuso sexual; Palavras de Mulher, boletim informativo; Passaporte para a Cidadania, série de cartilhas sobre gênero e raça-etnia.

As ações educativas realizadas por Maria Mulher Organização de Mulheres Negras estão exemplificadas nas suas linhas de ação *Mulheres, Meninas/Adolescentes, SOS Racismo, Intervenção Política e Documentação e Informação*.

O Programa de Intervenção Política tem por objetivos a formação de educadores e professores em direitos humanos e com a articulação em nível nacional e internacional com organizações de mulheres e com o Movimento Social Negro. A ação diretamente ligada à educação, além das oficinas de alfabetização, é realizada em parceria com outras instituições, tais como:

²⁵ *Experiências em Advocacy em Saúde e Direitos sexuais e Reprodutivos*. Brasília: Agende, 2002.

...reuniões com a equipe técnica das escolas da localidade, realizando palestras sobre gênero e raça/etnia para professores, funcionários e alunos. Visitas às escolas onde as mulheres atendidas em nosso programa têm filhos com problemas escolares, ... Nas creches, fazemos reuniões mensais com as diretoras e oficinas quinzenais com funcionários, monitores e mães sobre raça/etnia, saúde, direitos reprodutivos e sexuais. (EXPERIÊNCIAS EM ADVOCACY EM SAÚDE E DIREITOS REPRODUTIVOS, 2002, p. 103).

Das ações diretamente ligadas à educação, há um trabalho incisivo de intervenção cujo objetivo é envolver os órgãos públicos oficiais nas ações pedagógicas desenvolvidas por Maria Mulher - Organização de Mulheres Negras.

Uma destas ações diz respeito à parceria realizada com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN em 2003, que desde a sua instalação no Estado do Rio Grande do Sul, dentre as suas publicações, jamais houvera alguma referente à comunidade negra.

Feita esta constatação, foi sugerido que se construísse uma publicação com base nas proposições da Lei 10639/03, recuperando a história da população negra no Estado do Rio Grande do Sul, e que a mesma fosse editada em número suficiente para ser distribuída a todas as escolas do Estado.

Assim foi construída a *Cartilha O Negro No Rio Grande do Sul*, e distribuída para todas as escolas do Estado do Rio Grande do Sul, unidades do Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional de todo o país, e organizações do movimento social. Destacamos esta ação porque, pela primeira vez, no Estado, foi desenvolvido um projeto relativo à questão da história e da cultura da população negra em tamanha proporção, foram editadas cinquenta mil cartilhas. E, por iniciativa de uma Organização de Mulheres Negras.

Outra construção estratégica que vale ser registrada diz respeito ao Concurso Personalidades Negras no Rio Grande do Sul, também planejado, organizado e executado por

Maria Mulher – Organização de Mulheres Negras, com financiamento da Fundação Cultural Palmares, através do Programa de Documentação e Informação.

O concurso teve abrangência estadual, foi direcionado às séries finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. E consistia em incitar os estudantes a redigirem redações sobre uma personalidade negra de sua região. Dentre os objetivos que levaram Maria Mulher a planejar e executar o Projeto do Concurso estão às denúncias de discriminação racial e racismo ocorridas em instituições escolares recebidas no Programa SOS Racismo. Essa categoria aparece em quinto lugar entre as denúncias feitas ao Programa²⁶. Foram recebidas pela Comissão do Concurso Personalidades Negras²⁷, 220 redações, assim distribuídas: 82 de Porto Alegre; 59 da região metropolitana e 79 do interior. Quanto às escolas participantes, 40 eram estaduais, seis eram escolas municipais, da capital, região metropolitana e interior, e quatro instituições particulares, perfazendo o número de 34 os municípios participantes.

Segundo o *Relatório do Concurso* os objetivos foram alcançados na medida em que mobilizou um número significativo de professores, estudantes e escolas para participarem. Entretanto destacamos uma observação, pois se em alguns casos houve o envolvimento das professoras e professores na mobilização e incentivo aos estudantes na elaboração da pesquisa, em outros transpareceu o despreparo e o censo comum: associando os negros à miséria, ao desemprego, à violência e a benemerência de pessoas não-negras. Esta questão demonstra a necessidade de se investir na educação continuada das educadoras e, mais ainda, que o tema [História e Cultura Africana e Afro-Brasileira] é relativo a todas às áreas do conhecimento.

²⁶ Relatório... idem, ibdem.

²⁷ Participaram da Comissão de Seleção: Professora Adriana Santos, assessora da Secretaria de Educação do Município de Porto Alegre; professor Arilson dos Santos Gomes, GT Negros: História, Cultura e Sociedade/ANPUH/RS; professora Inês Bins Ely, Instituto Estadual do Livro-IEL; professora Marieta Silveira de Souza, Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre; bibliotecária Maria do Carmo Misete, Escola Estadual de Ensino Fundamental Oscar Pereira; professora Vera Neusa Lopes, Coletivo de Educadores Negros/Agentes de Pastoral Negros/ APNs/RS. Conforme, MARIA MULHER: 2006, p. 7).

Portanto, demonstra que há a necessidade de uma intervenção incisiva das mantenedoras no que diz respeito à questão étnico-racial na Educação. (Relatório de Execução do Projeto Concurso de Redações Infanto-Juvenil Personalidades Negras do Rio Grande do Sul. MARIA MULHER – Organização de Mulheres Negras: 2006, p. 9).

Considerações finais

O recorte da pesquisa aqui apresentado objetivou mostrar diferentes estratégias educacionais de organizações negras ao longo da história porto-alegrense.

A Irmandade do Rosário, organização de negros presente no Brasil desde os tempos coloniais, tinha entre suas diretrizes, não somente o auxílio funeral, também preocupava-se com a educação dos seus associados e familiares, o que se comprova com os registros da fundação de um dos colégios mais conceituados da cidade: O Colégio Rosário.

Também a Sociedade Floresta Aurora que surgiu com objetivos de auxiliar os associados e familiares no caso de morte, ampliou suas atividades para a preservação da cultura através da banda, da sociedade musical, dos grupos de teatro e poesia que estão presentes ao longo da história da organização. A educação sempre esteve presente em suas ações visto que oficialmente os poderes públicos não atendiam a esta questão. Vale destacar que as ações implementadas pela Floresta Aurora foram além do assistencialismo, elas tiveram um caráter de intervenção política quando observamos o empenho e articulação de seus integrantes com políticos da capital para efetivarem a realização do Congresso Afro-Brasileiro em 1958.

A Sociedade Satélite Prontidão, igualmente apresenta em sua trajetória, ações voltadas para a educação, como consta em seu estatuto a necessidade de manter uma biblioteca. Também as senhoras ministravam aulas aos filhos dos associados. E em período mais recente desenvolveu

uma ação pioneira que foi o curso Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares que contribuiu para que muitos estudantes afrobrasileiros ingressassem em diferentes universidades gaúchas.

O Clube Náutico Marcílio Dias, além de oferecer um espaço para o desenvolvimento de atividades esportivas a atletas negros que eram impedidos de entrar em outros clubes da capital, tinha a preocupação com a formação intelectual de seus associados. Desta forma, nas datas festivas eram ministradas palestras relativas aos diferentes esportes, a pessoas negras de destaque nacional e internacional.

Maria Mulher – Organização de Mulheres Negras, surge em um contexto onde afloram os movimentos culturais e sua ação vai se direcionar para a defesa das populações marginalizadas, em especial as mulheres negras. Contudo, suas atividades vão além da simples defesa e assistência. O empoderamento, a intervenção política, a informação e a construção de estratégia educacionais estão presentes nas suas atividades.

Em termos metodológicos e epistemológicos destacamos que há a necessidade de reelaborarmos através de novos métodos e novos objetos as ações relacionadas à construção de afro-brasileiros no tocante à educação, setor, que historicamente deixou à margem significativa parcela da população negra. A dimensão da afrodescendência e das africanidades brasileiras nos permite uma análise no sentido de valorizar todas as matrizes que compõem a sociedade brasileira. Assim foi possível observar a atuação das organizações negras, de acordo com suas especificidades, ao longo da formação da sociedade porto-alegrense, que tem em comum, a educação, como princípio básico de suas ações. Portanto, a instituição da Lei 10639/03, veio concretizar a histórica luta da população negra pela inclusão educacional. A partir da perspectiva da inclusão da História Africana e Afro-Brasileira, assim como da História Indígena, nos currículos quebramos estigmas e construímos uma outra visão histórica dos sujeitos sociais integrantes da sociedade brasileira.

**CULTURE AND AFRODESCENDÊNCIA: BLACK ORGANIZATIONS AND
THEIR STRATEGIES
EDUCATION IN PORTO ALEGRE (1872-2002)**

Asbtract

This research investigates and interprets the construction of educational strategies by afro-descendents implemented by several afro organizations in Porto Alegre, RS, from the end of the XIX century, over the First Republic, the New State and the respective re-democratizing processes until the year 2002. Over this period, the afro organizations had different configurations according to their contexts, their forms of composition and their claims arise from the conditions or from their lack, coming from a broader society. Such organizations, either of religious nature, mutual aid, cultural or, under the current perspective, of non-governmental organizations, comprise a common feature that is translated into the preservation of the identity and into the claims for the establishment of fair survival conditions for the afro-descendents. Due to the absence of documentation of the historical-educational trajectory of the afro population in the official means of divulgation, statistics and in the traditional historiography, this investigation aims at registering this history through specific publications and reports from reference people, what allows recovering the performance profile of these organizations and setting the memory of what respects their constructions and historical and educational claims.

Keywords: Afro Organizations; history; education of afro people; identity.

Referências

BHABHA, Homi K. **Local da cultura**. Trad. Miriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BAIROS, Luiza. “Nossos feminismos revisitados”. In.: **Estudos Feministas**. IFCS/UFRJ – PPCIS/UERJ, vol. 3, nº 2/95, p. 458-463.

CONCURSO PERSONALIDADES NEGRAS NO RIO GRANDE DO SUL: 2006, (Folder de divulgação).

CUNHA JR, “Africanidade, afrodescendência e educação”. In: **Educação e Debate**. Ano 23, v. 2, nº 42, 2001.

Experiências em Advocacy em Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos. Brasília: Agende, 2002.

EDUCAÇÃO antiracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Ministério da Educação, 2005.

FONSECA, Marcus Vinícius. **A educação dos negros**: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tad. Adelaine La Guardia Resende. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MAR♀A MULHER – **Boletim**, Ano 1 POA, Novembro 87 nº 1

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Malungos na escola**: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

PEREIRA, Lúcia Regina Brito. **Cultura e afrodescendência**: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002). Porto Alegre: PPGH/PUC/RS, 2008. Tese de Doutorado.

ROMÃO, Jeruse, (org.). **História da Educação do negro e outras histórias**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Ministério da Educação, 2005.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. “Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras”. In MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000, p. 151-168.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 2987.

STOLCKE, Verena. “Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?”. **Estudos Afro-Asiáticos** (20): 1991, p.101-9.

Data de recebimento: 26/04/2010
Data de aceite: 30/05/2010